



24 OUT 1986

Rocca: incertezas inibem investimentos

ESTADO DE SÃO PAULO *Investir na produção, a saída*

Enquanto a economia brasileira não retomar os investimentos em expansão da capacidade produtiva, não existirão condições de se atender o crescimento da demanda. Mesmo assim, é preciso, inicialmente, que esta seja contida e que o crescimento econômico se realize a uma taxa mais moderada para viabilizar um descongelamento administrado dos preços. Esta foi a opinião transmitida pelo empresário e professor de Economia, Carlos Antônio Rocca, durante o seminário comemorativo dos 40 anos da Faculdade de Economia e Administração da USP, ontem à tarde em São Paulo. Rocca defendeu também mais cortes nos gastos governamentais e uma política de taxas de juros reais positivas, compatíveis com as expectativas de inflação.

A seu ver, as empresas têm realizado grandes investimentos, mas basicamente em capital de giro e equipamentos complementares de produção, sem ampliar a capacidade de fabricação de produtos adicionais. Isso se deve às incertezas hoje existentes no mercado, já que o diagnóstico feito pelo governo e as medidas recém-tomadas não têm sido suficientes para controlar a expansão do

consumo. Rocca criticou os cortes de crédito ao consumidor, os empréstimos compulsórios e os pequenos aumentos nas taxas de juros, decididos em junho e julho, considerando-os pouco expressivos diante da magnitude do controle que há ainda hoje.

Ele acredita, também, que os saques nas cadernetas de poupança foram agravados quando o governo decidiu expurgar o índice de preços dos empréstimos compulsórios, pois os depositantes se sentiram prejudicados e passaram a destinar ainda mais recursos ao consumo. A maior dificuldade atual é garantir a expansão da capacidade produtiva e frear a demanda para que se possa descongelar os preços de forma administrada, mesmo porque muitos setores já ocuparam plenamente sua capacidade de produção.

Rocca foi em parte contestado por outro professor da FEA, Manoel Henriquez Garcia, que apontou alguns setores, como minerais não-metálicos, mecânica e alimentos, nos quais ainda há espaço para aumentar a oferta, já que apenas os setores imobiliário e de papel e papelão operam a plena capacidade.